

GERALDO FERRAZ NA REVISTA HABITAT: A DISCUSSÃO POLÍTICO-SOCIAL GIOVANNA AUGUSTO MERLI¹, MARIA BEATRIZ CAMARGO CAPPELLO²

RESUMO

Esse artigo é parte de uma pesquisa maior desenvolvida pelo Núcleo de História da Arquitetura e do Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Uberlândia, essa pesquisa tem como objetivo catalogar os periódicos brasileiros especializados em arquitetura do período de 1945 a 1960, para uma análise da recepção da arquitetura moderna brasileira neste período. A revista escolhida para ser tratada nesse artigo é a “Habitat”. Após a catalogação e digitalização dos exemplares da revista iniciou-se o estudo dos artigos de Geraldo Ferraz, crítico de arquitetura e editor da seção de arquitetura da Habitat. Por meio dos textos críticos de Geraldo Ferraz, e a análise das obras publicadas pelo mesmo, busca-se a estreita ligação que a produção arquitetônica e urbanística teria com o discurso político e social da época. Mostra a relação entre a arquitetura e ideologias ligadas às propostas políticas, a importância da relação do arquiteto com as questões da sociedade num âmbito mais próximo, discutindo suas questões de base relacionadas com a realidade. Durante a pesquisa buscou-se identificar os preceitos do discurso político e ideológico do movimento moderno transformados em soluções projetuais presentes nas obras analisadas pela publicação. Apresentaremos aqui alguns artigos selecionados e algumas dessas relações e soluções selecionadas.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura, urbanismo, revista Habitat, arquitetos modernos brasileiros, Geraldo Ferraz.

ABSTRACT

This article is part of a bigger research developed by the History Department of the Architecture, Urban Planning and Design College of Uberlândia. This research goal was to catalog all the Brazilian periodic specialized in architecture from 1945 to 1960, analyzing the reception of Brazilian modern architecture that was been developed in that period. The magazine chosen for treating this article was “Habitat”. After cataloging and scanning copies of the magazine we began the study of Geraldo Ferraz’ articles, who was an architecture critic and editor of the architectural section of “Habitat”. By his critical texts and analysis of some of his published works we could seek the close connection that the architectural and urban production had to the political discourse of that period. Showing the relationship between architecture and ideology linked to politics proposals, the importance of the relationship of the architect with social issues and discussing their basic questions related to reality. During the research we tried to identify the principles of ideological and political discourse of the modern movement transformed into design solutions in the pieces considered in the publications. So we present here some of these relationships and selected solutions.

KEY-WORDS: architecture, urbanism, Habitat magazine, architects of Brazilian modern architecture, Geraldo Ferraz.

¹ Aluna de graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia - Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bloco 1I, sala 43 - Uberlândia/MG - CEP: 38400-100.

E-mail: gmerli4@gmail.com

² Professora Doutora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia - Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bloco 1I, sala 43 - Uberlândia/MG - CEP: 38400-100.

E-mail: mbcappello@uol.com.br

INTRODUÇÃO

A documentação e catalogação do material iconográfico publicado em periódicos é uma atividade cada vez mais defendida no meio acadêmico universitário de pesquisa. No âmbito da análise da produção arquitetônica essa documentação é importante, pois pode contribuir para o entendimento das interpretações de obras destacando as implicações com seu entorno e o impacto gerado em determinada época.

Em função de a arquitetura moderna brasileira representar um período de desenvolvimento da identidade arquitetônica do Brasil, com conceitos e arquitetos reconhecidos internacionalmente, há uma grande produção na imprensa especializada, a cerca do tema. Dessa maneira a pesquisa desenvolvida pelo Núcleo de História da Arquitetura e do Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia propõe a catalogação e digitalização dos periódicos brasileiros especializados em arquitetura publicados entre o período de 1945 e 1960, e análise de alguns periódicos selecionados, a fim de contemplar a fase de desenvolvimento e consolidação da produção da arquitetura moderna nacional, analisando sua recepção nas revistas de arquitetura brasileira selecionadas.

Anterior ao trabalho de coleta da revista Habitat, fez-se necessário um estudo bibliográfico das principais obras a respeito da produção brasileira de arquitetura moderna do período estudado. Elegeu-se, assim, o livro de Philip Goodwin “Brazil Builds”, de 1943, a obra de Henrique Mindlin, “Arquitetura Moderna no Brasil”, de 1956, e a obra de Yves Bruand, “Arquitetura Contemporânea no Brasil” de 1981. Juntamente ao estudo dessa bibliografia foram analisados os textos “Arquitetura Moderna: uma trama recorrente”, trecho da dissertação de mestrado de Carlos A. Ferreira Martins, “Arquitetura e Estado no Brasil³” e “A Polêmica sobre a função social da arquitetura⁴” integrante do livro “Arte para que?” de Aracy A. Amaral. A partir dos textos críticos e da historiografia desses autores é possível o maior entendimento do período, contribuindo para uma melhor leitura e análise dos textos e projetos publicados na revista estudada.

A fim de se compreender esse momento da história da arquitetura brasileira, escolheu-se nesta pesquisa fechar o enfoque à revista “Habitat”, em um primeiro momento chamada “Habitat – revista das artes no Brasil”, posteriormente “Habitat – arquitetura e artes no Brasil”; publicada de 1950 à 1965. Dessa maneira, em um primeiro momento da pesquisa realizamos a catalogação e digitalização de todo o material iconográfico da revista Habitat, com o objetivo da criação de um banco de dados online que tornará acessível à qualquer pesquisador o produto gerado pela pesquisa.

A partir do estudo das documentações e publicações resultantes dos CIAM – *Congrès Internationaux d’Architecture Moderne* (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna) é possível verificar uma proposta de arquitetura que traz em si e discussões de questões de

³ MARTINS, C. A. F. (1988). *Arquitetura e Estado no Brasil*: Elementos para uma investigação sobre a Constituição do Discurso Modernista no Brasil; a obra de Lúcio Costa. São Paulo. Dissertação (Mestrado) - FFLCH-USP

⁴ AMARAL, A. A. *Arte para quê?: a preocupação social da arte brasileira, 1930-1970: subsídios para uma história social da arte no Brasil*. São Paulo: Nobel, 2ed. 1978

bases sociais, mostrando uma tendência da “nova” arquitetura em posicionar-se a favor do bem estar da sociedade em detrimento dos interesses privados.

Entre os temas debatidos nos dez (10) Congressos dos CIAMs que ocorreram de 1928 a 1956 estão a habitação mínima, o loteamento racional dos terrenos urbanos, a cidade funcional, edição que deu origem a “Carta do Urbanismo Moderno – Carta de Atenas” manifesto do urbanismo moderno; habitar e recrear com ênfase em soluções para as classes populares; deixando claro a presença da preocupação com o estabelecimento do arquiteto como um agente transformados da sociedade a partir das questões sociais. Sendo assim, aliando a análise do ideal moderno resultante dos CIAM e a análise de publicações da revista Habitat, em especial a série “Individualidades na atual história da Arquitetura no Brasil” editada por Geraldo Ferraz, esse artigo tem como objetivo identificar nos projetos e textos publicados a busca por soluções que beneficiem o homem tanto como indivíduo quanto como sociedade.

1. MATERIAL E MÉTODO

A REVISTA “HABITAT”

A revista “Habitat” foi idealizada e fundada por Lina Bo e Pietro Maria Bardi em 1950, ambos com experiência na edição de vários periódicos italianos, tais como Domus (1946) no caso de Lina e Quadrante dirigida por Bardi⁵. Geraldo Serra se ocupava da direção geral da revista, enquanto Rodolfo Klein seria o editor chefe. Em seus primeiros quatro anos Lina Bo era editora da seção de arquitetura e Pietro Maria Bardi era responsável pela seção de artes, quando, em abril de 1954 no editorial da “Habitat” volume 15, apresentam seu pedido de demissão aos diretores da revista, alegando um esgotamento nas polemicas e discussões abordados em seus textos, bem como uma extensa agenda ligada ao itinerário de exposições do MASP com a preparação do novo plano do Museu.

Em 1952, com apenas dois anos, a revista já era distribuída nas principais cidades do país e alcança algum renome internacional. Os editores associam essa aceitação do público à um “incremento das artes no Brasil” que de certa forma se desenvolvia não limitada apenas aos meios acadêmicos. No ano de 1954, com o sucesso comercial também fora do país (sendo vendida em Roma, Paris, Lisboa e EUA), se considera encerrada a fase experimental da revista.

Neste mesmo ano, com a saída de Lina Bo, Abelardo de Souza⁶, colaborador desde os primeiros números, se torna responsável pela seção de arquitetura por um curto período até que Geraldo Ferraz assume sua posição, desempenhando-a até o encerramento da publicação, enquanto José Geraldo Vieira assume a seção de artes.

Durante o ano de 1956 o tema “urbanismo” é adicionado ao programa da revista “Habitat”, sob o argumento de que as relações entre arquitetura e urbanismo implicavam em conseqüências “no conceito de planificação e racionalização da cidade, da sua transfiguração”⁷, imperativos esses que não poderiam mais ser ignorados pela arquitetura.

⁵ Destacamos aqui os periódicos especializados. Bardi foi um importante propagandista do racionalismo italiano e também participou do CIAM de 1933 como representante do grupo CIAM italiano.

⁶ Abelardo Riedy de Souza, arquiteto formado em 1932 pela Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.

⁷ 6º ANO, Um Novo Programa de Trabalho. (1955). Habitar. São Paulo. n. 25

Ao longo de seus 15 anos de existência a revista teve em seu corpo de colaboradores arquitetos e críticos de artes e arquitetura de reconhecimento nacional e internacional, e a cada publicação obras e projetos que ilustram a arquitetura moderna eram analisados em vários aspectos. Além de a arquitetura e do urbanismo a revista publicava seções que contemplavam discussões nas áreas de artes plásticas, teatro, música, literatura, moda e artesanato.

GERALDO FERRAZ NA “HABITAT”

“A razão de ser da nova arquitetura antes de tudo é uma ética passa a ser hoje um dever social, uma posição que implica na defesa biológica total do homem (...). Arquitetura só é arquitetura racional e viva, técnica e arte a serviço do homem do nosso tempo”⁸

Benedito Geraldo Ferraz Gonçalves foi escritor, jornalista e crítico de artes, arquitetura e literatura. Fez parte do movimento modernista brasileiro ao lado de Oswald de Andrade e Raul Bopp, sendo secretário da “Revista de Antropofagia”. Trabalhou em vários jornais paulistas e fundou os periódicos “Correio da Tarde”, “o Homem Livre” e “Vanguarda Socialista”, esse último em conjunto com Patrícia Galvão, Mario Pedrosa, Hilcar Leite e Edmundo Moniz.

Pensava a arquitetura moderna como um produto internacional de idéias do século XX que se atualizariam, em constante progresso, de acordo com as transformações da vida do homem. Ferraz acredita que as profundas alterações políticas, econômicas, técnicas e culturais pelas quais o país passou no período entre Guerras, como o grande catalisador do surgimento da moderna arquitetura brasileira, não sendo esta um resultado da lenta evolução da produção arquitetônica que já havia no país.⁹

Geraldo Ferraz ambientado na “internacionalidade” da arquitetura moderna ressalta que é possível ter uma arquitetura americana, européia, sul-americana, de forma que todas juntas serão um único estilo mundial que responde as exigências da vida do homem, contudo esta arquitetura deverá ser regional ao máximo possível, pois à arquitetura a primeira e principal exigência feita será a de adaptar-se à região, ao clima e aos costumes do povo.¹⁰

Dessa forma quando, em 1954, Geraldo Ferraz assume a seção de arquitetura da Habitat ampliam-se os esforços por uma documentação da arquitetura brasileira. Aliado a essa rica documentação Ferraz assina textos que acompanhavam e intervinham em questões do ensino da arquitetura, dos congressos, da ética profissional e dos concursos públicos em arquitetura. Todo o trabalho do crítico na revista traça uma linha evolutiva acerca da arquitetura brasileira. Em sua atuação na “Habitat”, Ferraz tem uma postura de valorização das origens do movimento, dando espaço a mestres como Mies Van der Rohe e Frank Lloyd Wright para expressarem suas idéias dentro da revista.

Sua primeira contribuição à revista Habitat deu-se com o texto “Arquitetura e Urbanismo na 3º Bienal de São Paulo”, publicado no volume 23 de Agosto de 1955, em que apresenta nota oficial da atribuição dos prêmios, descrevendo o concurso e o regulamento, a relação dos

⁸ FERRAZ, G. (1956). Individualidades na História da atual Arquitetura no Brasil. I – Gregori Warchavchik. *Habitat*. São Paulo, n 28, p 40-8, mar.

⁹ MARTINS (ano) apud FERRAZ, Geraldo, “Warchavchik e a Introdução da arquitetura Moderna No Brasil: 1925 a 1942”. p 12

¹⁰ MARTINS op. cit. cap. 1, p.29-42

participantes, Escolas de Arquitetura de vários países, e por fim desenvolvendo um texto descritivo e crítico a respeito dos projetos premiados e mais comentados. Já neste seu primeiro texto, Ferraz instiga a produção arquitetônica que “despreza qualquer restrição estabelecida pelas obsoletas idéias do lucro pessoal e da propriedade privada, pois é a necessária função pública e social do arquiteto que se torna determinante”.¹¹ Elogia a iniciativa da Bienal de manter concursos que estimulem a inovação e a discussão de temas voltados para uma lógica coletiva (nesta edição do concurso o tema fornecido foi uma colônia de férias para trabalhadores operários).

Em sua coluna “Individualidades na atual história da Arquitetura no Brasil”, que se desenvolve em seis números, publicados ao longo do ano de 1956, Ferraz traça um roteiro quase cronológico, discutindo respectivamente Gregori Warchavchik, Afonso Eduardo Reidy, Rino Levi, os irmãos Roberto, Lúcio Costa e Burle Marx. Ferraz constrói uma narrativa fundamentada nas artes plásticas, na arquitetura contemporânea e com sentido ético, apresentando obras e textos inseridos em um quadro da cultura do momento, elaborando a partir disso sua significação.

A partir dos princípios vinculados a toda sua concepção de arquitetura Geraldo Ferraz elege as obras e arquitetos a serem tratados no “Individualidades” como representantes do Movimento Moderno, buscando uma justificativa de se enquadrar a arquitetura brasileira como seguidora dos preceitos modernos.

A seguir trataremos dos arquitetos apresentados na coluna “Individualidades na atual história da Arquitetura no Brasil” a partir da leitura de Geraldo Ferraz.

GREGORI WARCHAVCHIK

“(...) a possibilidade de tornar extensamente social essa organização do espaço, porquanto a arquitetura tinha e tem de resolver os problemas da vida do homem e não apenas alguns homens.”¹²

Em março de 1956 no número 28 da revista *Habitat* é publicado o primeiro texto da série “Individualidades na atual história da Arquitetura no Brasil. I – Gregory Warchavchik” em que obra e textos de Gregori Warchavchik são escolhidos por Geraldo Ferraz como objeto de discussão. Com o simples ato de abrir a série com Warchavchik, Ferraz reivindica ao arquiteto a posição de “pioneiro da arquitetura viva no Brasil”¹³, enquadrando São Paulo como o cenário em que se desenvolve o primeiro exemplo dessa produção.

Geraldo Ferraz ilustra sua crença no pioneirismo de Warchavchik com a data da publicação do seu manifesto “Acerca da Arquitetura Moderna” em 1925, primeiro manifesto brasileiro que discute a pesquisa de novos materiais e as renovações do desenvolvimento urbano e arquitetônico, com o Pavilhão em Paris (1925) de Le Corbusier e a publicação o “*Bauhausbücher*” de Walter Gropius.

¹¹ FERRAZ, Geraldo (1855). Arquitetura e Urbanismo na 3ª Bienal de Arquitetura de São Paulo. *Habitat*. São Paulo, n 23, p 2-11, ago.

¹² WARCHAVCHIK, Gregori. Warchavchik e a arquitetura hoje. In: FERRAZ, G. Individualidades na História da atual Arquitetura no Brasil. I – Gregori Warchavchik. *Habitat*. São Paulo, n 28, p 40-8, mar, 1956.

¹³ FERRAZ, G. Individualidades na História da atual Arquitetura no Brasil. I – Gregori Warchavchik. *Habitat*. São Paulo, n 28, p 40-8, mar, 1956.

Ao tratar da primeira casa construída pelo arquiteto, em 1928 à rua Santa Cruz (São Paulo), Ferraz lança mão das publicações da época para enfatizar seu posto de primeira concretização do discurso moderno no país, apresenta trechos dos dois jornais de função política da época, “Diário Nacional” e do “Correio Paulistano” em que dão relevância à iniciativa de Warchavchik, encarando-a como pioneira e “modernizadora”, o primeiro inclusive alega que “(...) Era justo que a capital paulistana que tem sido mesmo berço de todas as iniciativas de modernização artística no Brasil, também tomasse a iniciativa de modernizar nossa arquitetura.”¹⁴ Obstinado em tornar concreto o pioneirismo de Warchavchik, Ferraz mostra a trajetória do arquiteto no Rio de Janeiro, que a convite de Lúcio Costa passa a auxiliá-lo na renovação da Escola Nacional de Belas Artes e lá constrói a casa da rua Toneleiros em 1931, que seria a primeira casa moderna carioca.

A casa da Rua Santa Cruz, instituída como primeira casa moderna, é destacada principalmente pela recusa em trabalhar na fachada o ornamento como elemento principal, volta-se dessa forma para a organização mais funcional dos espaços, e a utilização dos novos materiais relacionados com materiais vernaculares, no caso o uso de telhas coloniais. No paisagismo, feito proposto por Mina Klabin¹⁵ há a clara intenção do uso de elementos legítimos da terra, mostrando sua preocupação em não apenas transpor um projeto moderno europeu para a realidade brasileira, mas projetando de acordo com clima, região e tradições locais. Logo após a construção na Rua Santa Cruz, em 1930, constrói uma residência na Rua Itápolis, no Pacaembu, onde realizaria a “Exposição de uma Casa Modernista”, até então a mais completa exposição a cerca do movimento moderno brasileiro até então, contemplando obras de pintura, escultura e decoração.

Dentre os projetos de Warchavchik publicados por Ferraz ao longo da coluna está a sede do Clube Atlético Paulistano em São Paulo, o Salão de Festa e a sede do Clube Pinheiros Paulista também em São Paulo, um edifício na rua barão de Limeira na capital paulista que recebeu um prêmio por sua fachada em 1940 um rancho no Guarujá. Ao final, Geraldo Ferraz abre espaço para que Warchavchik discorra sobre seu conceito de arquitetura no período (1956). Nesse comentário apresenta o que seria a função do arquiteto, segundo os preceitos difundidos no início do movimento moderno, “a possibilidade de tornar extensamente social essa organização do espaço, porquanto a arquitetura tinha e tem de resolver os problemas da vida do homem e não de apenas alguns homens.” Esse discurso pode ser ilustrado em seus próprios projetos que buscam a simplicidade e a clareza dos espaços, racionalizando-o em função do melhor ambiente em detrimento da ornamentação sem sentido e em excesso, voltando as soluções para a realidade local e as necessidades do homem brasileiro.

¹⁴ Diário Nacional publicado em 17 de junho de 1928 apud FERAAZ, G. Individualidades na atual história da Arquitetura no Brasil. *Habitat*. São Paulo, n 28, p 40-8, mar 1956.

¹⁵ Mina Klabin Warchavchik, esposa de Gregory Warchavichik.



Figura 1. Habitat 28, março 1956 paginas 40-41.



Figura 2. Habitat 28, março 1956 paginas 42-43.



Figura 3 Habitat 28, março 1956 paginas 44-45.

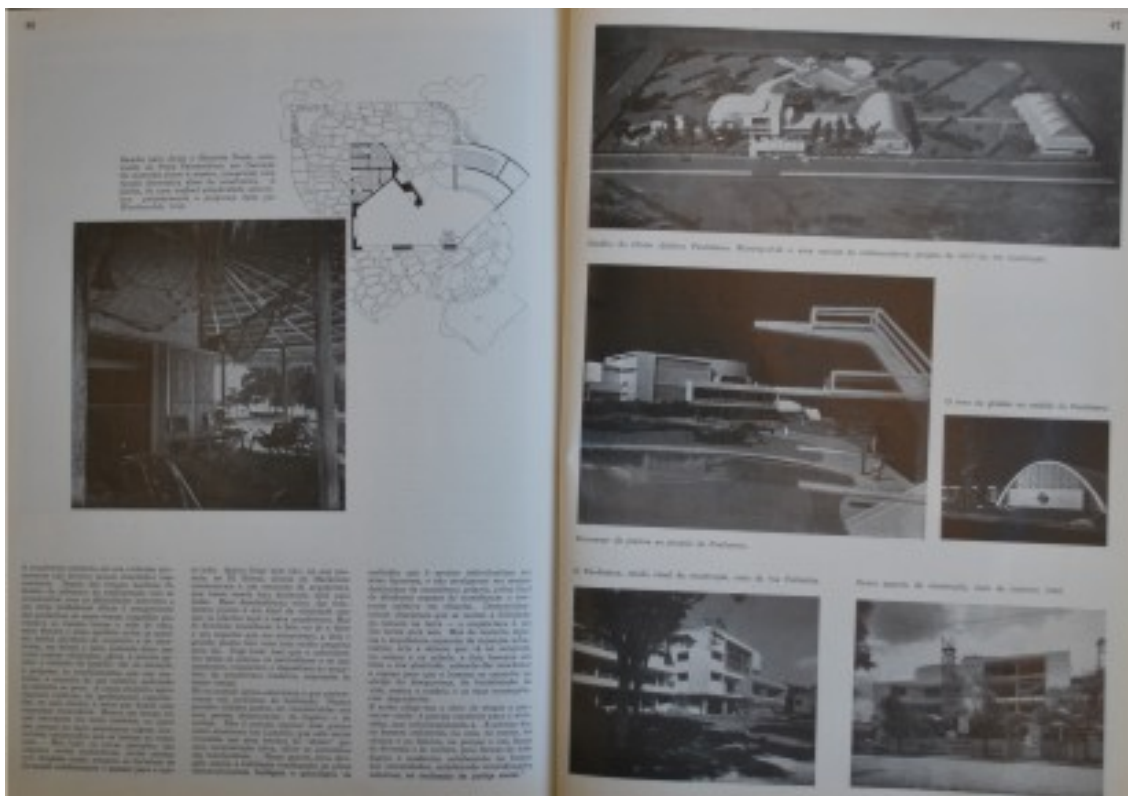


Figura 4 Habitat 28, março 1956 paginas 46-47.

AFONSO EDUARDO REIDY

Em abril de 1956 no numero 29 Ferraz dá continuidade a sua documentação com a escolha de Afonso Eduardo Reidy como o arquiteto-tema do segundo texto da série, “Individualidades na História da atual Arquitetura no Brasil. II – Afonso Eduardo Reidy”. De acordo com Geraldo Ferraz na própria introdução do texto, “se fez determinada pela cronologia” uma vez que projetava o Albergue da Boa Vontade contemporaneamente à casa da rua Toneleiros de Warchavchick.

Reidy é apresentado por Ferraz como um arquiteto predisposto ao enfoque urbanístico da arquitetura e devotado a função social da arquitetura e do urbanismo. Dessa forma seus projetos têm como assinatura a fundamentação rigorosa das condicionantes sociais e urbanísticas aliadas. É apontado ainda como um pesquisador rigoroso dos dados da composição social e das considerações urbanas, de forma que seus projetos, sempre partindo das pesquisas, atingiam com coerência os fins necessários para uma arquitetura que beneficiava as características funcionais. Sua carreira foi toda a margem da especulação imobiliária nunca servindo a habitação particular ou a construção privada, sendo, em grande parte dos casos, contratado do estado e, como descreve Geraldo Ferraz, foi um “exemplo de arquiteto socializado, mas, de alguma maneira, burocratizado ou oficializado.”

Ferraz lê a centralização da arte e da cultura (ilustrado pelos projetos de museus, teatros) a serviço do “grande povo” na atuação de Reidy como uma assinatura que o efetiva como disposto a arquitetura, não na escala de uma elite consumidora, mas em contrário imediato, com as camadas populares.

Junto ao “Individualidades” Ferraz publica questões formuladas pelo Instituto Técnico de la Construcción, de Madrid respondidas por Reidy. Quando questionado a cerca da relação entre homem e arquitetura, como um problema fundamental da prática, Reidy assinala: “A arquitetura existe em função do homem. Ele é o centro de todas as preocupações e o módulo a que se relacionam todas as medidas. (...) o homem é um ser sociável, não vive isoladamente. É uma parte da comunidade. Não um mero espectador, um ser passivo, mas um participantes da vida coletiva (...).”

Durante o artigo Ferraz traça a trajetória de Reidy, começando pela sua participação, ainda como estudante no Plano Agache para a cidade do Rio de Janeiro, publica ainda imagens e comentários de obras como o Albergue da Boa Vontade, citado anteriormente; a Escola Secundária Modelo em Assunção, um presente do governo brasileiro ao Paraguai, onde, segundo Ferraz, Reidy propõe um estabelecimento experimental de ensino e educação; a sede da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, projeto vencedor do concurso mas que não foi construído; “Stand-pipe” uma estação elevatória no Rio de Janeiro e ainda o plano que Reidy desenvolve pra área resultante do desmonte do Morro Santo Antônio, também no Rio, em área central da cidade propõe a organização de grandes espaços com uma sincronia entre trechos livres e blocos monumentais, articulados por uma rigorosa rede de circulação; o Museu de Artes Plásticas de São Paulo e duas residências. O projeto da Vizinhança do Pedregulho, no Rio de Janeiro, é apresentado com destaque por Ferraz, projetado enquanto diretor da seção de arquitetura do Departamento de Habitação Popular. Assim entre os projetos publicados, destacaremos também esse projeto, pois é a ilustração perfeita do discurso e da lógica do trabalho de Reidy, predisposto ao enquadramento urbanístico da arquitetura, e preocupado com o fim social da arquitetura.

Após extensa pesquisa com os futuros moradores, Reidy chega ao programa do Complexo do Pedregulho a ser implantado no bairro industrial de São Cristovão, próximo ao local de trabalho dos mesmos, diminuindo o tempo e dinheiro gasto com deslocamentos,

proporcionando maior possibilidade de dedicação a atividades de lazer, ócio, esportes, vida social.

A elaboração do programa do conjunto excede, e muito, o problema da casa. Compreendendo o “habitar” como além das atividades que se desenvolvem dentro da residência, o programa se estende para a vida em comunidade, aos espaços públicos e as instalações complementares, oferecendo facilidades para a vida cotidiana. Dessa forma o Complexo do Pedregulho contempla centro comunitário, centro de saúde, pequena mercearia que funcionaria em sistema de cooperativa, lavanderia comunitária que atendesse à todos os apartamentos, centro de esportes com piscina, quadra, ginásio e vestiários, escola primária, creche, playground e escola maternal.

Da pesquisa feita com os futuros moradores, encontrou-se a necessidade de várias tipologias de apartamentos, de acordo com as relações sociais e a situação econômica dos grupos familiares, ilustrando a fala de Warchavchik apresentada por Ferraz anteriormente em sua “Individualidades”: “é preciso construir para a multidão, mas individualizando-a”¹⁶.

A implantação foi feita em um terreno com desnível de cerca de 50 metros, voltado para Oeste, ao voltar os apartamentos para essa orientação Reidy os deixa expostos à excessiva exposição solar, no entanto são contemplados com a vista da baía. Dessa forma Reidy estabelece dispositivos de proteção contra insolação como brises e sacadas.

Como Ferraz destaca no início do artigo, Reidy preza pela aproximação entre valores plásticos e artísticos, do grande público e do “homem comum”. O Pedregulho reafirma essa preocupação estabelecendo estreita relação entre arte e espaços públicos, quando implanta painéis de artistas como Candido Portinari, Anísio Medeiros e Burle Marx (que também trabalha com o paisagismo do complexo), nas áreas comuns.

A circulação é pensada de forma a hierarquizar os pedestres, que tem livre acesso a todas as áreas do conjunto sem cruzarem com vias de tráfego automotivo. Nos blocos de apartamentos, andares sob pilotis proporcionam uma circulação sombreada que resolve tanto questões do clima quanto da leitura do terreno, que como comentado possui um grande desnível.

Quanto aos 508 apartamentos implantados em três blocos, são projetados de forma a garantir a higiene, o conforto e a intimidade de cada família. Dispõe os corredores de circulação na face leste do bloco e vedados com elementos vazados, contribuem com a ventilação e iluminação natural dos banheiros e cozinhas que se voltam pra ele.

Reidy pensa o homem como parte de uma comunidade, participante de uma vida coletiva, assim projeta uma vizinhança completa, reunindo todas as atividades que complementam e facilitam o “habitar”, chegando a uma resposta, até então, nova para a questão de moradia social no Brasil.

¹⁶ WARCHAVCHIK, Gregori. Warchavchik e a arquitetura hoje. In: FERRAZ, G. Individualidades na História da atual Arquitetura no Brasil. I – Gregori Warchavchik. *Habitat*. São Paulo, n 28, p 40-8, mar, 1956.



Figura 5 Habitat 29, abril 1956 paginas 50-51

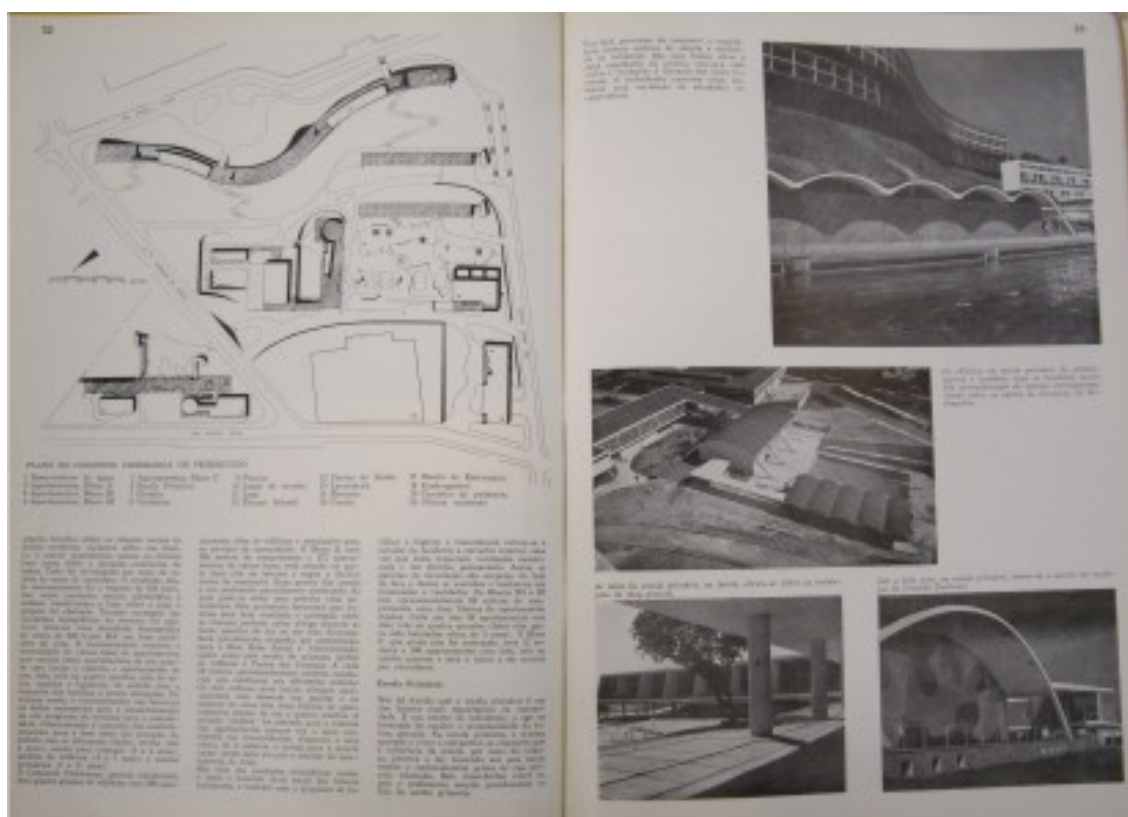


Figura 6 Habitat 29, abril 1956 paginas 52-53

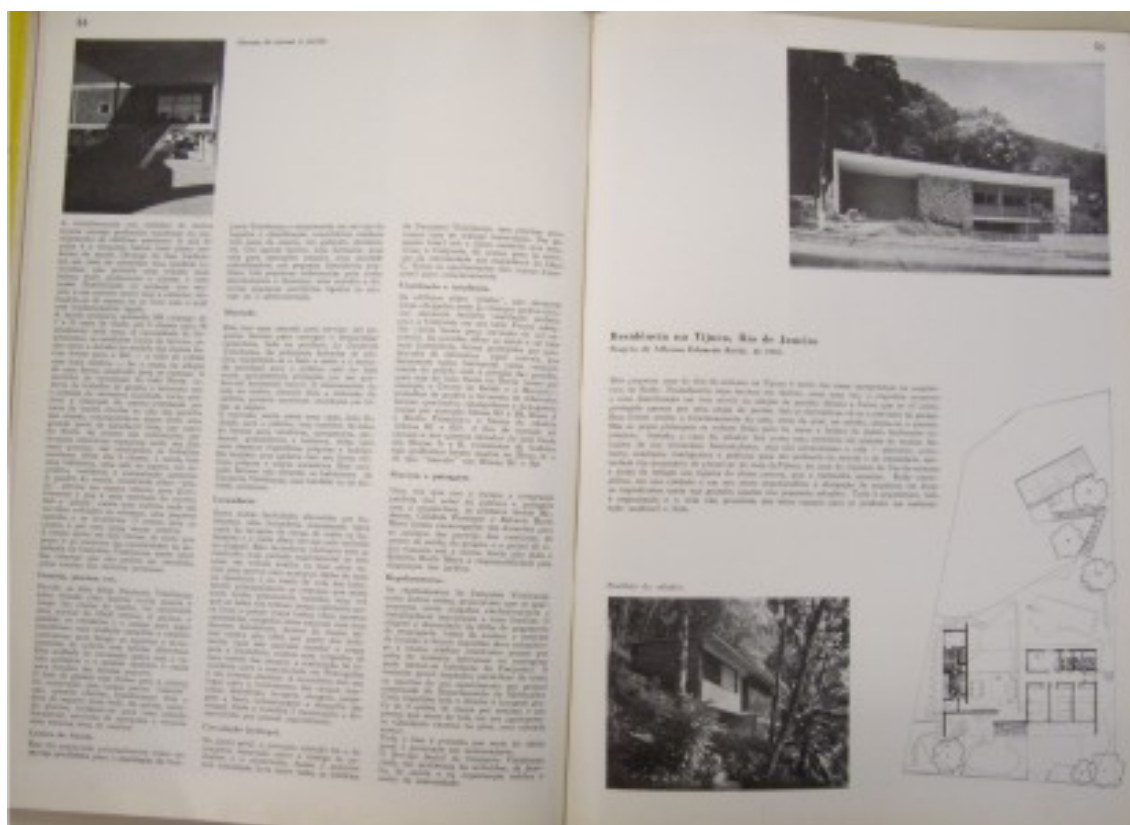


Figura 7 Habitat 29, abril 1956 paginas 54-55

RINO LEVI

Nesse terceiro momento da série é publicado no número 30 em maio de 1956 o “Individualidades na história da atual arquitetura no Brasil. III – Rino Levi”. Geraldo Ferraz introduz Rino Levi contando como foi apresentado a ele por Warchavchik em meados de 1929, quando Rino acabava de projetar o que seria visto como um dos primeiros prédios modernos, o edifício Columbus na avenida Brigadeiro Luiz Antonio, São Paulo.

Ferraz inicia sua a seção ao chamar atenção para a carta que Rino envia ao jornal O Estado de São Paulo¹⁷ em 1925, ainda estudante. No texto o jovem Rino Levi demonstra sua preocupação com as transformações que a arquitetura estava a mercê em uma época em que surgem novos materiais, novas técnicas e grandes progressos da construção e ao “novo espírito” que reinava nessa fase modernizadora e progressista. Assim ressalta a importância do que chama “estática das cidades”, um novo estudo necessário ao arquiteto, intrinsecamente ligado ao estudo da viação e de todos os demais problemas urbanos. Mostra como Rino se sentia em relação tanto as renovações pelas quais se passava a arquitetura, quanto com o impacto de tais renovações nas dinâmicas urbanas. Na carta, Levi ainda ressalta, “é preciso estudar o que se fez e o que se esta fazendo no exterior” como estudos de casos, que adaptados à realidade brasileira resolveriam as questões das nossas cidades.

Geraldo Ferraz mostra através dos projetos apresentados, que a carreira de Rino foi coerente com suas inquietações de jovem estudante, principalmente na sua atuação como presidente do

¹⁷ Carta publicada em 15 de outubro de 1925 no jornal O Estado de São Paulo.

IAB paulista, em que seguindo seu “sonho” de uma organização urbana que considerasse efetivamente a realidade brasileira, estabeleceu importantes princípios de zoneamento urbano. O artigo continua pela apresentação dos trabalhos de Rino Levi, começando por suas primeiras experiências com residências. O primeiro projeto de destaque apresentado é o edifício Columbus, como dito anteriormente que viria a ser considerado o primeiro edifício moderno em São Paulo. Nas palavras de Ferraz esse projeto traz “inovação no panorama urbano”, quando pela primeira vez há tratamento de todas as fachadas em uma leitura pioneira de inserção do edifício de maior gabarito no contexto urbano. Tratamento possível graças às soluções de planta que tornam a fachada independente desta.

A primeira oportunidade de uma obra pública surge com o concurso para o Viaduto do Chá na cidade de São Paulo em 1934, e a partir dele Rino inicia seus estudos a cerca dos problemas viários do centro paulistano. Seu projeto abarca um estudo de circulação visando a funcionalidade da passagem, num conjunto viário que envolve todo o centro da cidade. Seu projeto mesmo classificado em segundo lugar foi considerado pelo júri a solução mais conveniente no que dizia respeito a viação. As questões viárias passam a estar presentes em seus estudos. Em 1939 para a sede do Edifício do IAPI (Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários) inicia estudos de um grande projeto no Anhangabaú, mais uma vez no centro da capital paulista, com três blocos de salas comerciais, resultante de uma minuciosa leitura do entorno e dos problemas de deslocamento e circulação da região de implantação o projeto contempla um túnel sobre a Rua Florêncio de Abreu, que ligaria o Anhangabaú à Rua 25 de março, em uma solução que segundo Ferraz “abreviaria alguns problemas da cidade”¹⁸. Ao longo do artigo Ferraz cita a Casa Weekend, o pavilhão de exposições da Praça da República, o Edifício Trussardi, a Torrefação da Cia. Jardim que se desenvolve ao longo da Tamanduaté, funcionando como exemplo da adequação de soluções arquitetônicas à necessária funcionalidade de um galpão industrial, apartamentos Prudência destacados pela planta flexível dos apartamentos. Ferraz destaca ainda a fase de Rino Levi como projetista de cinemas, fazendo vastos estudos de acústica e trazendo inovações técnicas da arquitetura moderna resolvendo o tratamento de som, a visibilidade e o escoamento, tornando seus projetos um exemplo a outros cinemas. Tanto seu projeto para o cinema Universo em São Paulo, quanto as unidades UFA Palace também em São Paulo e UFA-Recife, são exemplos de um “arquitetura para multidões”, sendo casas com grande capacidade de público, em torno de 4.000 espectadores.

É publicado a projeto de Rino Maternidade da Faculdade de Medicina de São Paulo, desenvolvido com Roberto Cerqueira Cesar, vencedor de concurso em 1944. No primeiro hospital que projeta Rino mais uma vez conjuga soluções arquitetônicas adaptadas a funcionalidades específicas do edifício, no caso o hospital, mostrando-se mais uma vez um arquiteto disposto a abarcar os mais diversos problemas e oferecer-lhes, com base na arquitetura, as melhores soluções. Com imagens também do Hospital do Câncer de 1947, ambos publicados em revistas especializadas internacionais, receberam grande destaque como exemplos de arquitetura hospitalar.

Geraldo Ferraz encerra essa edição do “Individualidades” com um texto do próprio Rino Levi sobre a arquitetura atual, em que Rino comenta a renovação da arquitetura como um

¹⁸ FERRAZ, G. Individualidades na História da atual Arquitetura no Brasil. III – Rino Levi. *Habitat*. São Paulo, n 30, p 34-49, maio, 1956.

somatório de transformações na organização social, nas condições técnicas e nos desenvolvimento de materiais, tudo impulsionado pela revolução industrial do século anterior. Em meio a todas essas transformações Rino conclui que na época mecanicista em que vive, deve haver a planificação de todas as atividades, de forma que a cidade não pode mais ser consequência fatos circunstanciais, desenvolvendo novos conceitos práticos e objetivos para a solução de problemas ligados a coletividade. Junto comentário de Rino, fechando a publicação, estão o projeto para Conjunto Dormitório para a Cidade Universidade da USP, no Butantã, e o plano de um conjunto residencial em São José dos Campos. Com um programa de edifícios de assistência e recreio aos operários que ali residiriam, como clube, ginásio, centro de saúde, centro comunitário, creche, escola infantil e uma igreja.



Figura 8 Habitat 30, maio 1956 paginas 34-35

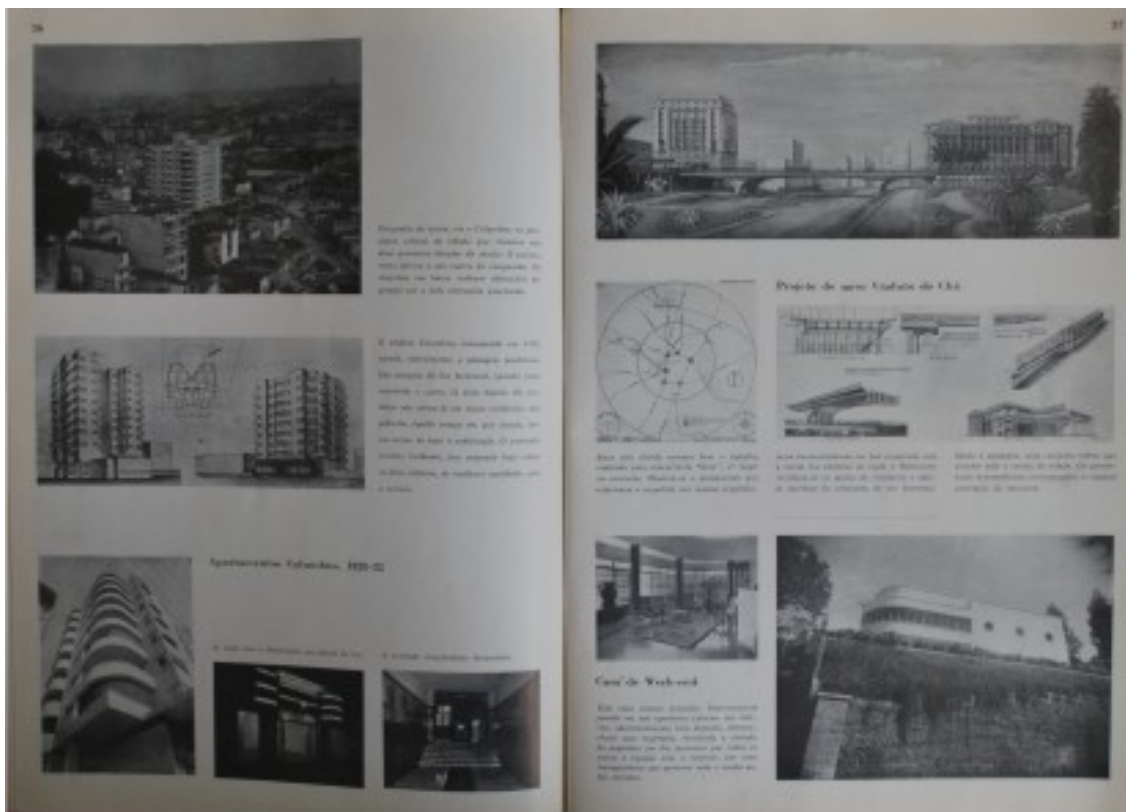


Figura 9 Habitat 30, maio 1956 paginas 36-37



Figura 10 Habitat 30, maio 1956 paginas 38-39

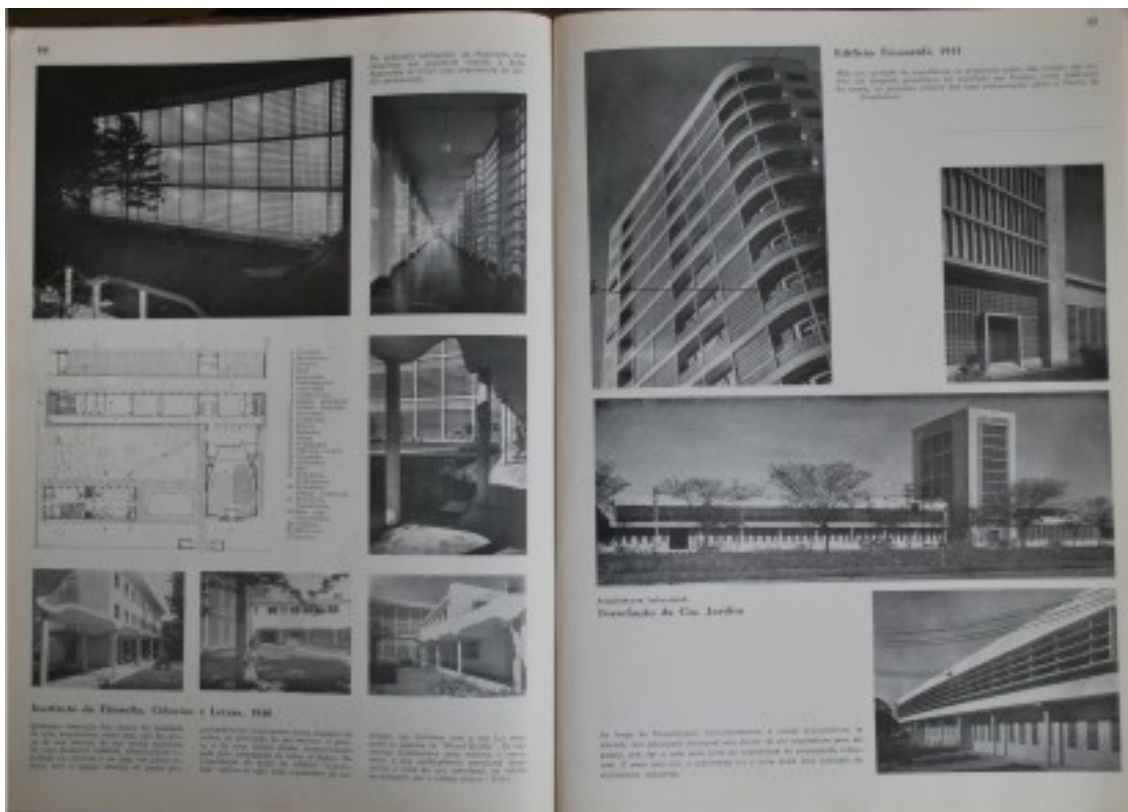


Figura 11 Habitat 30, maio 1956 paginas 40-41



Figura 12 Habitat 30, maio 1956 paginas 42-43

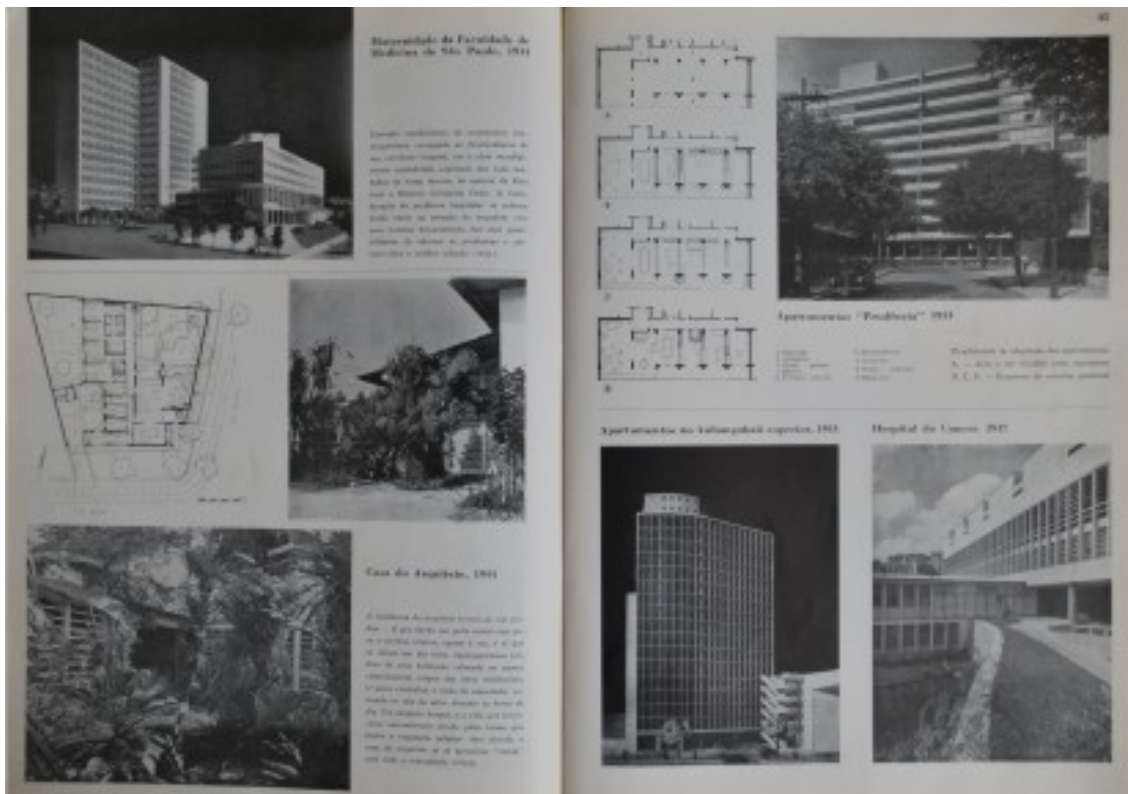


Figura 13 Habitat 30, maio 1956 paginas 44-45

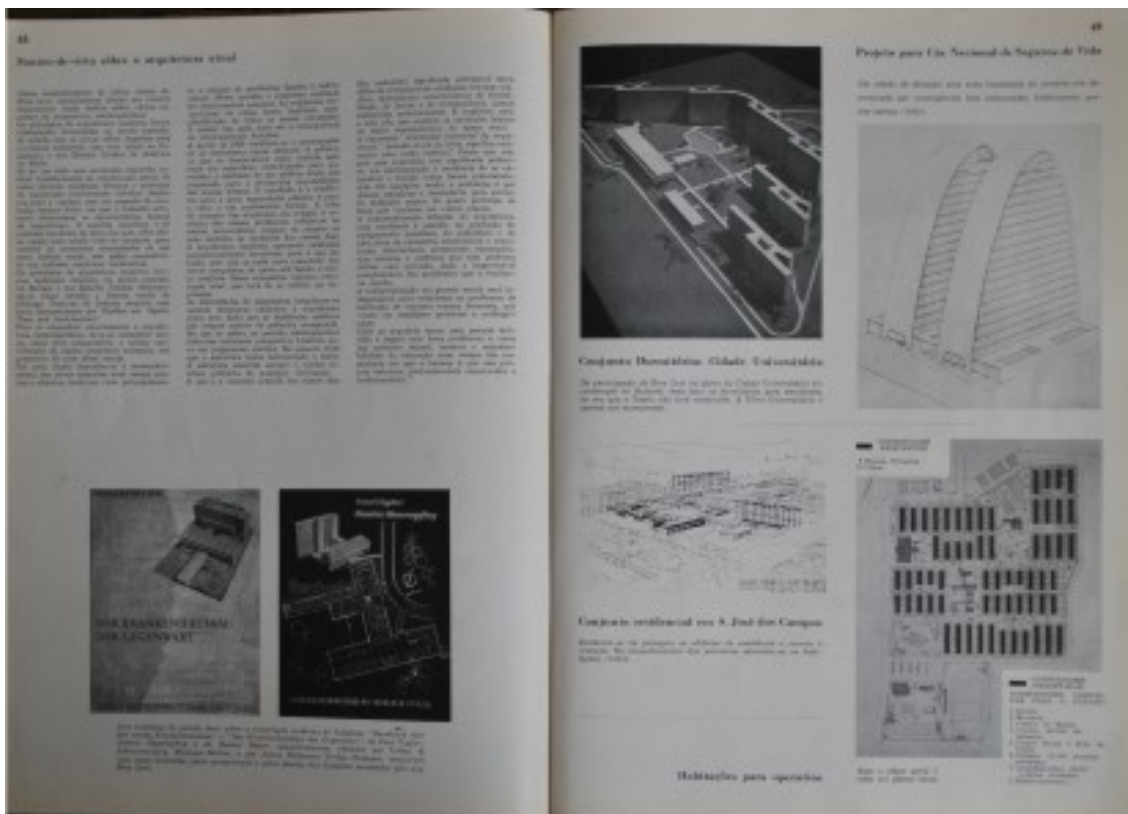


Figura 14 Habitat 30, maio 1956 paginas 48-49

M.M.M. ROBERTO

No volume 31 de junho de 1956, Geraldo Ferraz inicia esse “Individualidades na história atual da arquitetura no Brasil. IV – M.M.M. Roberto” com a escolha de não individualizar Marcelo Roberto, primeiro dos irmãos Roberto a lançar sua trajetória na produção arquitetônica brasileira. Assim a “Individualidade” discutida nessa edição é a equipe formada pelos irmãos Marcelo, Milton e Maurício Roberto. Ferraz lê as obras dos Irmãos Roberto como arquitetura concebida desde o seu primeiro denominador, com o sentido construtivo a norteá-la em suas indagações e soluções, jamais se distanciando da pesquisa, “(...) eles buscam a solução antes de tudo, a solução mais simples, a mais exata e funcional. Aquela solução que corresponde à indicação natural da função (...)”¹⁹ assim Ferraz destaca ao longo de todo o texto a imagem de arquitetos-pesquisadores atribuída aos três irmãos.

Ferraz começa expondo o projeto dos Irmãos para a sede da Associação Brasileira de Imprensa no Rio de Janeiro, sua primeira vitória em concursos. Levam a experiência que já tem com edifícios residenciais, como o meticuloso estudo da situação, e soluções de sombreamento eficientes para o clima carioca, para o projeto primeiro grande edifício. A sede da ABI volta as atenções para a equipe Roberto. Em um segundo concurso que saem vitoriosos os irmãos Roberto projetam o que seria a entrada do Rio de Janeiro pela via aérea, o aeroporto Santos Dumont. Um grande volume, implantado em meio a um jardim, organizado horizontalmente mostrando a sensível leitura que os irmãos fazem da paisagem em que se inserem. Em seguida Ferraz destaca o projeto do Instituto de Resseguros do Brasil, que estabelece uma área pública no pavimento térreo com o uso de pilotis, e é publicado pela Enciclopédia Britânica em 1945 como exemplo de arquitetura moderna brasileira. Dentre outros projetos Ferraz comenta brevemente uma residência em Petrópolis, um edifício de apartamentos na Avenida Paulista em São Paulo com a fachada principal ondulada e o térreo sobre pilotis, o edifício para a Cartepilar na Avenida Brasil no Rio de Janeiro, uma colônia de férias na Tijuca, e um edifício de apartamentos em Copacabana em que Ferraz destaca a curiosa memória afetiva do projeto uma vez que foi construído onde antes foi a casa em que os irmãos nasceram. Os três projetos de Escolas do Senai, em Petrópolis, Niterói e Costa Lobo, lançam mão das plantas livres e dos pátios internos para ordenação do programa.

É clara a preocupação com a pesquisa que antecede o estabelecimento de um partido que responda a um programa conscienciosamente definido para a elaboração eficiente do espaço organizado, quando Ferraz publica os projetos do Hotel Nova Friburgo e do Sanatório para Tuberculosos em Porto Alegre.

Ferraz destaca no Museu de Tecnologia, na Esplanada do Castelo mais uma feliz leitura da paisagem feita pelos irmãos Roberto, implantado de frente à baía da Guanabara o projeto se resolve em formas baixas e horizontalizadas, forma que resolve também o escoamento eficiente da circulação, com múltiplas entradas e saídas ao longo do corpo do edifício.

Como nas outras edições do “Individualidades” Ferraz abre espaço para o arquiteto, no caso o Marcelo Roberto, comentar a arquitetura que se desenvolvia no Brasil naquele momento: “Com as suas limitadas mas definidas realizações arquiteturais, o Brasil, coitado, mostrou que já atingiu a maturidade e unidade sociais. Se não pôde ainda criar em grande escala é porque as razões são outras. Provar a inocência do Brasil foi a virtude, grande virtude da arquitetura. O grande defeito consistiu em que ‘toda arquitetura leva a um urbanismo’ e a nossa não levou.” Nesse mesmo comentário critica a passividade, e até colaboração, dos arquitetos

¹⁹ FERRAZ, G. Individualidades na História da atual Arquitetura no Brasil. IV– M.M.M. Roberto. *Habitat*. São Paulo, n 31, p 49-66 junho, 1956.

diante da especulação imediatista e corruptora que hipertrofia o organismo urbano, espraiando-o e criando cidades caóticas.

Ferraz ilustra a fala de Marcelo Roberto com projetos desenvolvidos pela equipe M.M.M. Roberto para planificação de balneários. A primeira experiência do grupo o Balneário de Guamarim, área de potencial turístico e de veraneio, por sua proximidade com a cidade do Rio de Janeiro foi necessário a cuidado de prever os diferentes fluxos usuários, que permaneceriam por diferente períodos no local; o que exigia também a instalação de estruturas permanentes de apoio e serviços que supram a demanda em qualquer época. Guamarim foi um experimento que se desenvolve em maior escala com o plano desenvolvido para Cabo-Frio em 1955. Nascido do resultado de seleção de soluções e experiências, bem como da análise dos dados recolhidos em uma extensa e profunda pesquisa envolvendo um equipe de ecologistas, economistas e sociólogos, chagam a um resultado que livra a área do “retalhamento” recorrente e lucrativo implantado sem critério pela lógica da especulação imobiliária e da terra. O plano de Cabo-Frio analisa as potencialidades da região, preservando ao máximo paisagem, clima e águas. O desenho busca a criação de uma comunidade e não apenas parcelas de terra a serem rapidamente vendidas. Segundo Ferraz com o plano de Cabo-Frio “a arquitetura brasileira chega em um dos seus grandes objetivos: desembocar num urbanismo”. Em 1956 com indicação do diretor da revista Habitat, o plano de urbanização para Cabo-Frio foi exposto no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

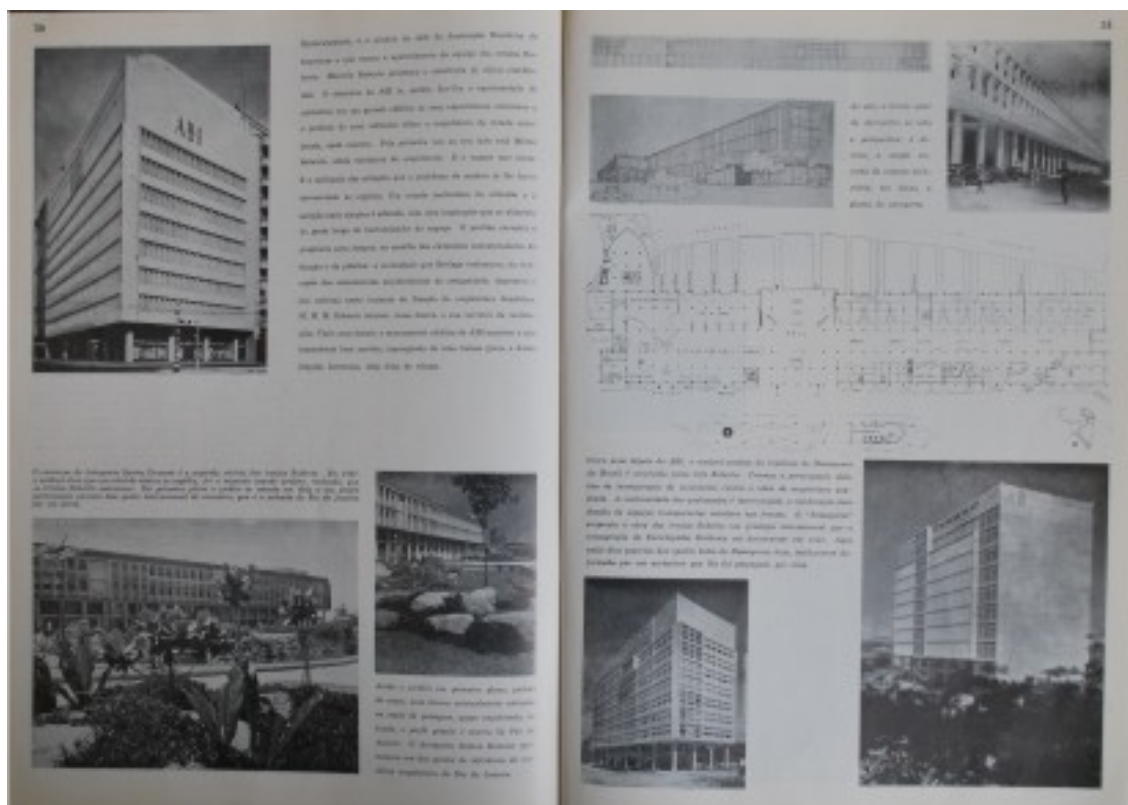


Figura 15 Habitat 31, junho 1956 paginas 50-51

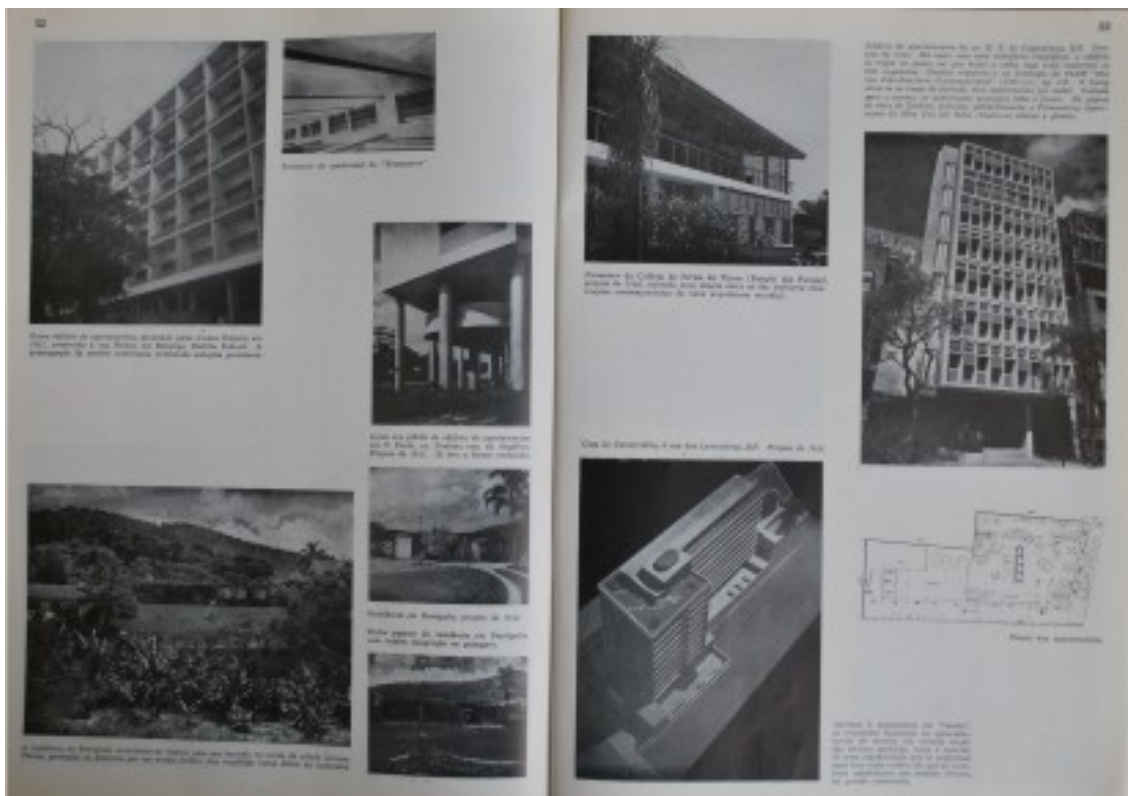


Figura 16 Habitat 31, junho 1956 paginas 52-53



Figura 17 Habitat 31, junho 1956 paginas 56-57



Figura 20 Habitat 31, junho 1956 paginas 66-67

LÚCIO COSTA

Depois de três edições seguidas publicadas a série “Individualidades” é interrompida por três meses, retornando em outubro de 1956 na Habitat 35 com “Individualidades na história da atual arquitetura no Brasil. V – Lucio Costa”. Geraldo Ferraz abre o texto com “recordações” que retoma os meses imediatamente após a revolução de 1930, em um contexto de atmosfera revolucionária, em que se iniciam caminhos renovadores na política, economia e na vida intelectual.

Conta que, enquanto o país tentava acertar-se em outras esferas, houve no campo artístico e intelectual um esforço coerente de renovação, da escola surgiam manifestações de uma nova produção. Os reflexos do “espírito revolucionário” que impregnavam o estado refletiam nas artes plásticas, na Escola Nacional de Belas Artes, no salão de 1931. E nesse meio o nome de Lucio Costa surge como catalisador do processo de renovação das artes, um jovem de 30 anos, servindo de meio ativo e executivo das aspirações do movimento transformador. Em 1931, sete anos após formar-se pela Escola Nacional de Belas Artes, Lucio Costa a ela retorna como diretor, uma conquista da vanguarda revolucionária de 1930. Em um primeiro momento o novo governo lança mão da atuação de Lucio Costa de fomentador da renovação, como meio eficiente de formatar suas tendências modernizadoras da vida intelectual e artística brasileira, tendo seu ponto máximo no Ministério da Educação e Cultura. Porém, passado o interesse do governo, Lucio Costa da continuidade a sua missão de manter um grupo de artistas e arquitetos na tarefa modernizadora.

Além de sua relação com o princípio do moderno brasileiro, Ferraz destaca a admiração de Lúcio pelos estilos trazidos ao Brasil, principalmente o autêntico colonial, e das técnicas vernaculares de construção; e posiciona Lúcio Costa como o arquiteto que estabelece a mais adequada leitura que se pode fazer do passado, principalmente no caso brasileiro de um passado trazido da Europa. Para ilustrar esse aspecto da arquitetura de Lucio Costa, Ferraz

publica o projeto do Parque Hotel Nova Friburgo, que estabelece uma relação de “homem organizando suas atividades em um meio, sem violentá-lo”. O projeto desenvolve-se a partir de princípios modernos, como a planta livre e uma estrutura modular, lançando mão de materiais e técnicas tradicionais, como a madeira, a pedra e a taipa de mão.

Geraldo Ferraz ilustra a trajetória de Lucio Costa com seus projetos e fragmentos de textos. Iniciando pelo projeto do conjunto habitações econômicas para operários da Gamboa, desenvolvido em sociedade com Warchavchik, com 14 apartamentos implantados em um terreno irregular. Ferraz ressalta esse tipo de projeto como algo em que arquitetos da vanguarda moderna não negariam enfrentar e solucionar, uma vez que abarca a discussão de uma habitação econômica de qualidade e sua inserção na cidade, levando em conta as questões sociais que isso implica.

Em seguida Ferraz apresenta a solução de Lucio Costa para o concurso realizado pela Cia. Siderúrgica Belga-Mineira para um conjunto operário, a Vila Monlevade. Levando em conta o sítio de acentuada declividade, Lucio propõe três questões como norteadoras de seu projeto: primeiro o estabelecimento de um delineamento que se apresenta flexível e de fácil adaptação às particularidades topográficas do terreno; em segundo define uma redução da movimentação de terra ao mínimo estritamente necessário, mostrando preocupação com a economia de recursos no desenvolvimento do projeto; por final Lucio estabelece como meta do projeto prejudicar o menos possível a beleza natural do lugar. Dessa forma segue o memorial descritivo explicando a escolha do sistema construtivo adotado, priorizando a economia e a adequação, sendo o único acréscimo nas despesas, que Lucio Costa não abre mão, a implantação de banheiros “mínimos” convencionais em todos os edifícios que suprisse o sistema “chuveiro-latrina”, tradicionalmente usados em moradias operárias. O programa da Vila é composto pelo conjunto de habitações geminadas, igreja, clube, cinema, armazém e escola. São utilizados pilotis quando necessária a movimentação de terra, solução que nos prédios públicos intensifica a função social de espaço liberado ao uso público.

Geraldo Ferraz inclui os projetos da Residência Ronan Borges no Rio de Janeiro; a Residência em Correias, Petrópolis; o Parque Eduardo Guinle vencedor do prêmio de “projeto para apartamentos” na 1ª Bienal de São Paulo, com júri presidido por Giedion; a sede do Jockey Club Brasileiro no Rio de Janeiro e o Museu de São Miguel, em que a Igreja inacabada de São Miguel, resultado das missões jesuítas no Rio Grande do Sul e todo seu acervo barroco são confiados à Lucio Costa para restauração, a partir disso surge a idéia de estabelecer um Museu nas dependências da Igreja que abrigasse esse espólio.

É dado por Ferraz grande destaque ao projeto do Ministério da Educação e Cultura, com a publicação de um memorial escrito pelo próprio Lúcio. No memorial destaca a solução do bloco simples como resposta a orientação uniforme de sala e disposição interna. É implantado no centro da quadra, com o afastamento lateral de 60 metros que tornou possível, segundo a legislação, um gabarito maior; com orientação conveniente e privilegiada vista para a baía. O programa é resolvido verticalmente deixando livre para a cidade grande parte do terreno, criando uma grande esplanada no térreo que realça o edifício e permite a apropriação do espaço pela população com atividades cívicas e culturais. No MEC pintura e escultura não são usados como simples elementos decorativos, mas com valor artístico autônomo fazendo parte integrante da composição, integrando-a.

Geraldo Ferraz encerra o artigo com “Uma página de Lúcio Costa” com um trecho de seu texto “Considerações sobre arte contemporânea” de 1952, que discute o conceito de arquitetura como sendo, “antes de mais nada, construção; mas, construção concebida com um propósito primordial de ordenar o espaço para determinada finalidade visando determinada

intenção. E nesse processo fundamental de ordenar e expressar-se, ela se revela igualmente arte plástica.”²⁰ Ao final Ferraz afirma que a tentativa do artigo era situar os trabalhos de Lucio Costa por todos os aspectos de sua atuação, estabelecendo-o como o “mais autorizado crítico estético de arquitetura que possuímos.”

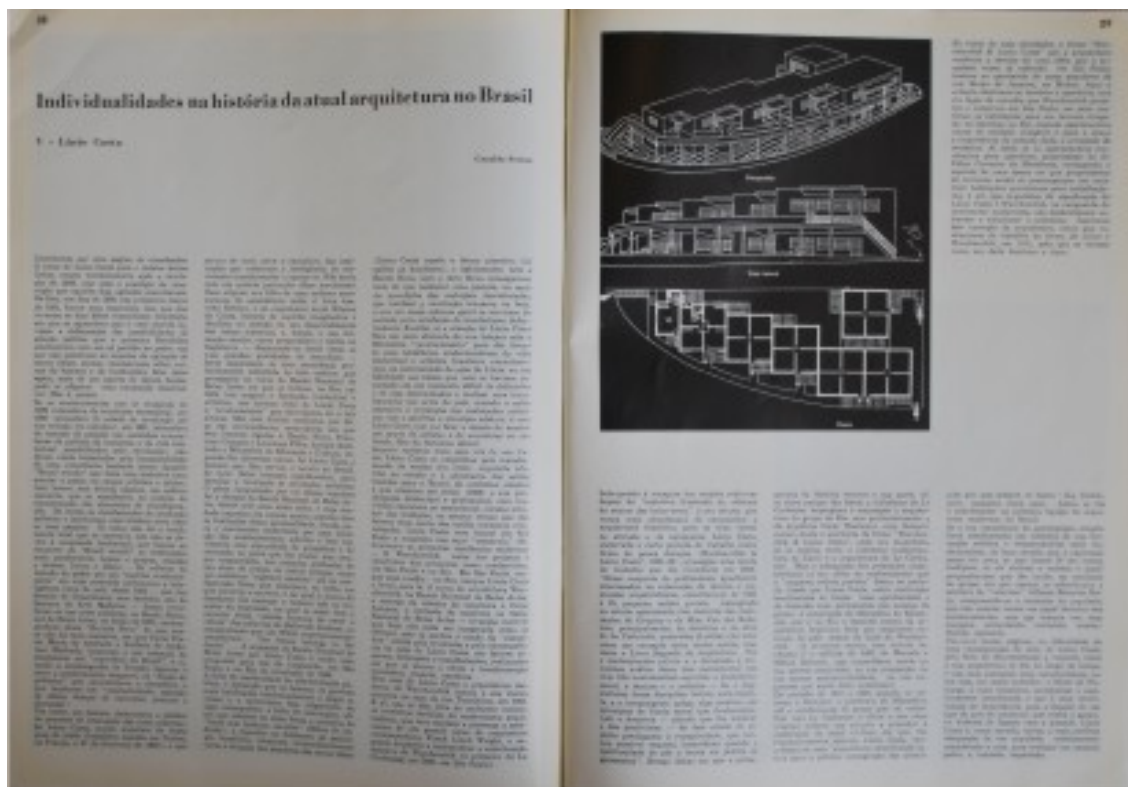


Figura 21 Habitat 35, outubro 1956 paginas 28-29

²⁰ COSTA, Lucio. O que é arquitetura – Uma pagina de Lucio Costa. In: FERRAZ, G. Individualidades na História da atual Arquitetura no Brasil. V – Lucio Costa. *Habitat*. São Paulo, n 35, p 28-43, out, 1956.

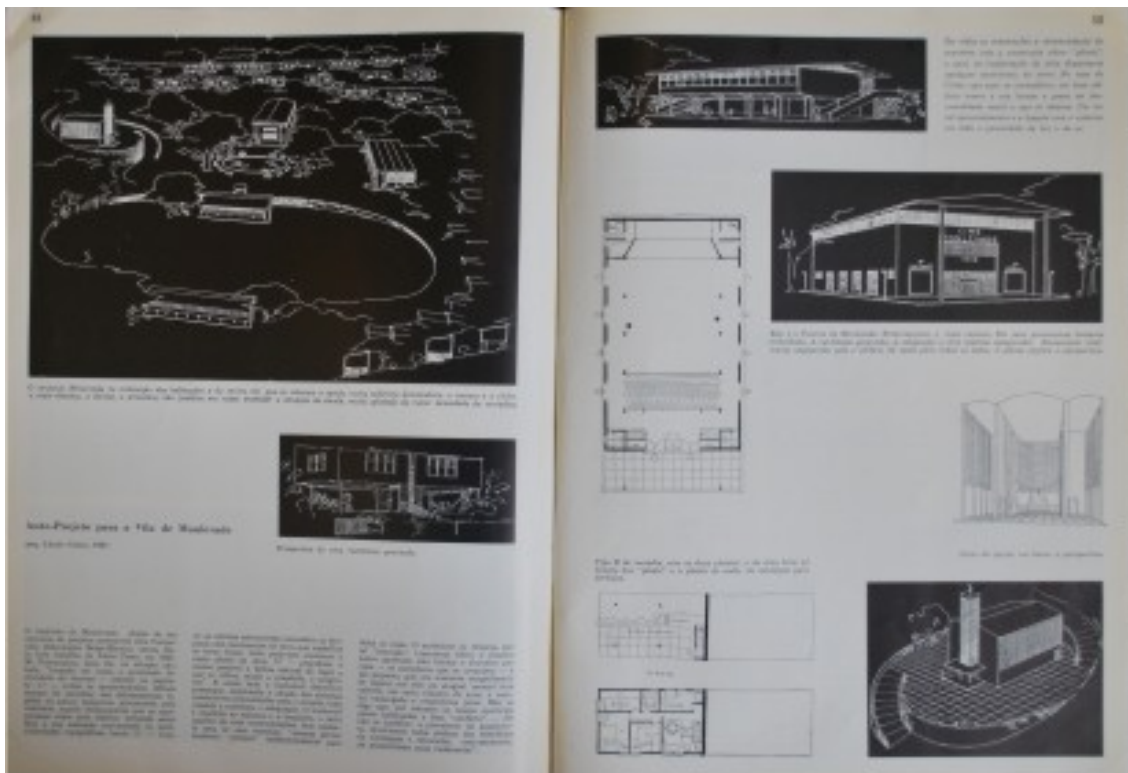


Figura 22 Habitat 35, outubro 1956 paginas 32-33

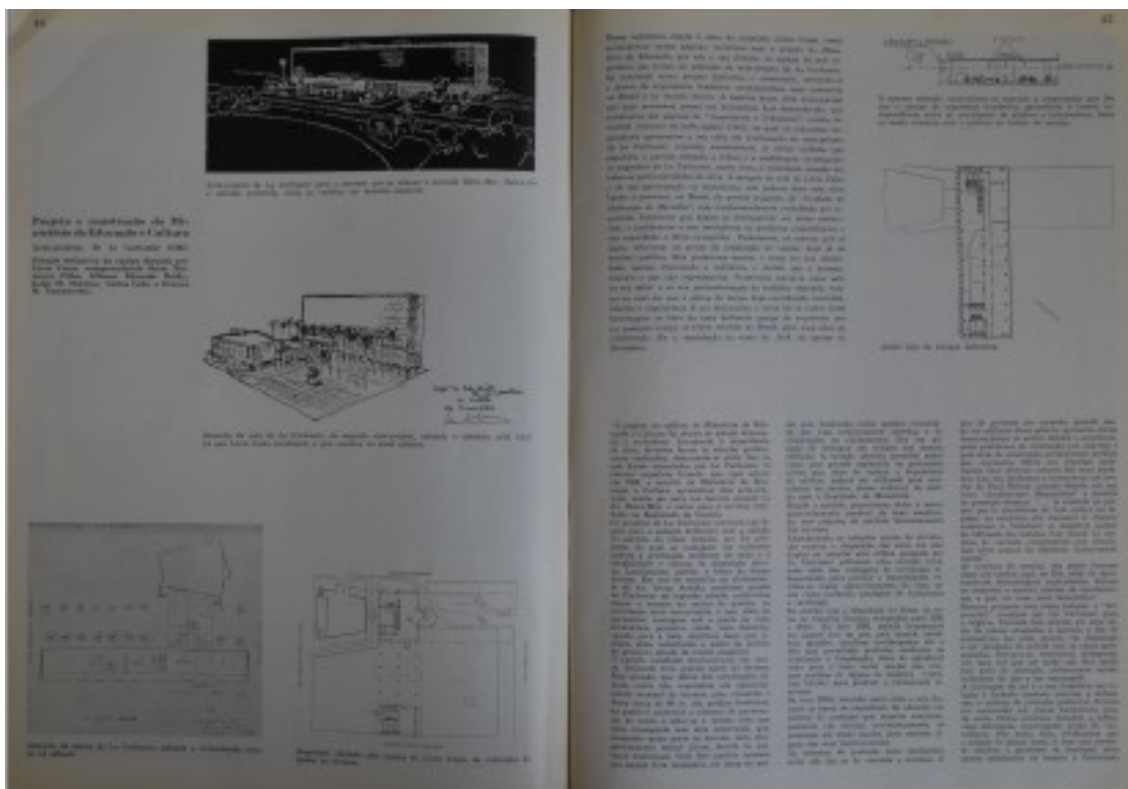


Figura 23 Habitat 35, outubro 1956 paginas 34-35



Figura 24 Habitat 35, outubro 1956 paginas 36-37

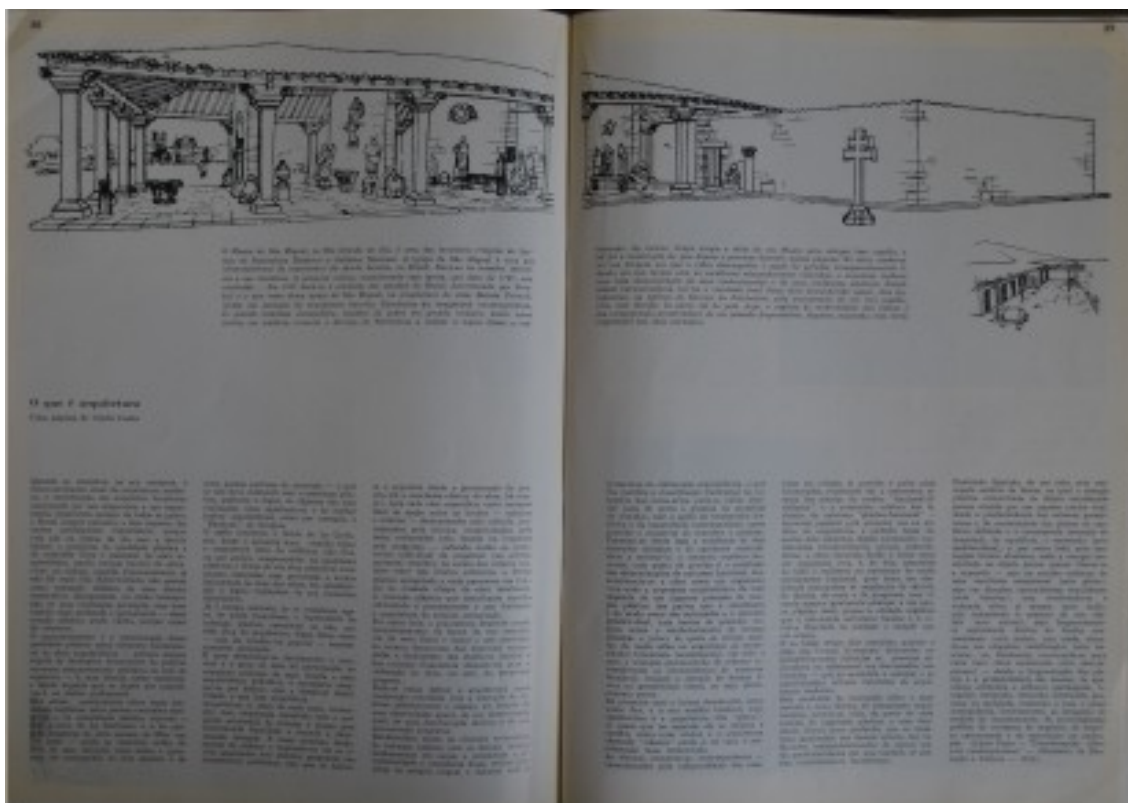


Figura 25 Habitat 35, outubro 1956 paginas 38-39

ROBERTO BURLE MARX

Em novembro de 1956 Geraldo Ferraz encerra a série “Individualidades da atual história da Arquitetura no Brasil. VI – Roberto Burle Marx” na revista número 36. Inicia seu texto contando como Burle Marx inicia suas incursões artísticas por meio da pintura, descrevendo com admiração como transporta seu olhar e sua expressão do plano para a paisagem. De acordo com Ferraz, o trabalho de Burle Marx era resultado de uma inteligente manipulação das artes plásticas, chegando ao paisagismo que reclamava a arquitetura moderna, em oposição ao paisagismo proposto até então que trabalhava as margens da intuição,

Burle Marx encaixa-se como personagem principal que concretiza o discurso moderno de síntese das artes no Brasil, colaborando com vários arquitetos modernos. Ferraz destaca o sentido social do trabalho de Burle Marx como uma integração da estética, dos usos, dos costumes, promovendo um prolongamento do ambiente e uma forte relação entre o espaço e a atividade. Burle Marx promove uma renovação da paisagem, não só no sentido de sua relação com as artes, mas promovendo uma leitura da paisagem local, lançando mão de plantas nativas, antes desvalorizadas, promovendo a inserção da nova arquitetura na paisagem brasileira, como uma identidade nacional. Ferraz apresenta vários projetos de paisagismo onde Burle Marx trabalha junto com os arquitetos modernos a integração entre arquitetura e paisagismo exemplificado pelo projeto da residência Alberto Niemeyer na Gavea, o Sítio Santo Antônio, a residência de Juscelino Kubitschek em Belo Horizonte, o jardim de Lindóia entre outros. Ferraz dá destaque ao projeto do MEC, em que pela primeira vez há integração entre arquitetura e paisagismo e resulta em um dos projetos mais aclamados da moderna arquitetura brasileira.

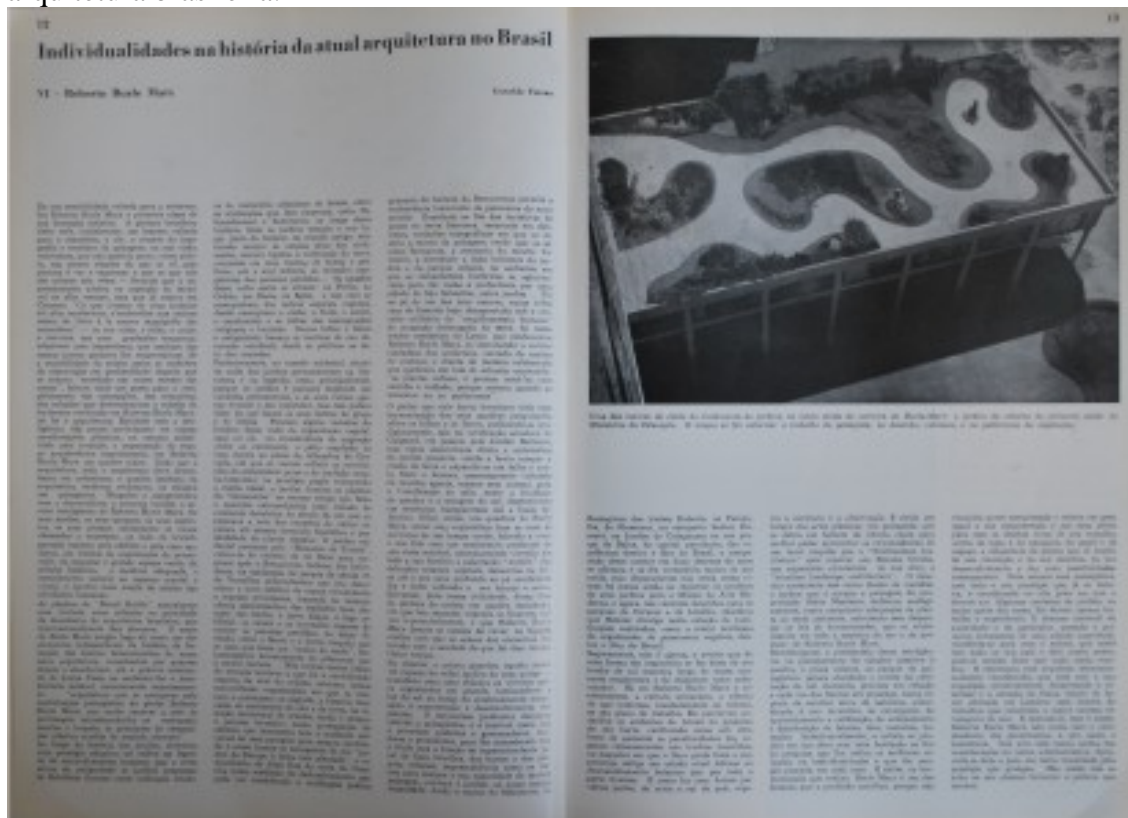
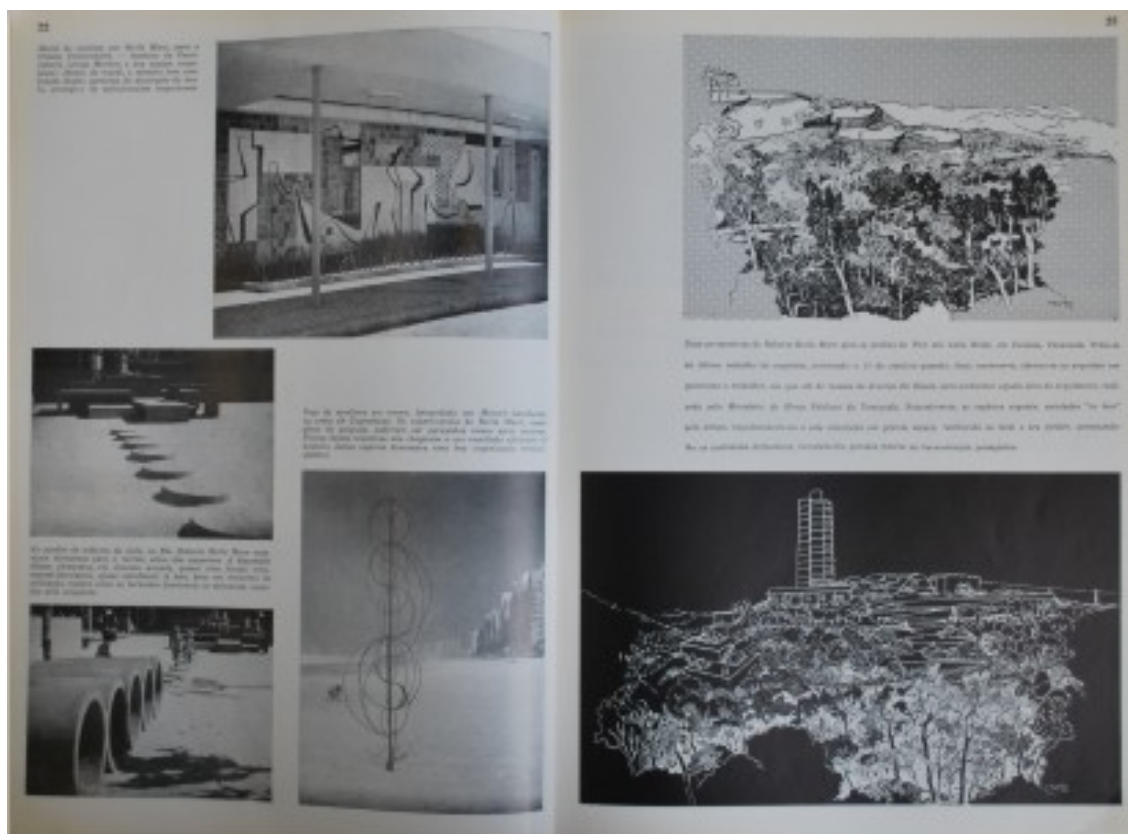


Figura 26 Habitat 36, novembro 1956 páginas 12-13



Figura

27 Habitat 36, novembro 1956 paginas 22-23

2. CONCLUSÃO

Assim, a leitura que Geraldo Ferraz faz de cada um dos seis arquitetos apresentados mostra, em cada um, características que os insere nas discussões realizadas pelo movimento moderno, legitimando o enquadramento da arquitetura brasileira como vertente da arquitetura moderna. Em Warchavchik, além do pioneirismo, é destacado seu uso da arquitetura como um instrumento de resolução de questões da vida dos homens, não de um homem, mas de toda a sociedade.

Reidy é apresentado como um arquiteto que se ocupa de questões da sociedade e da cidade, chamando atenção pra sua atuação em projetos de habitação popular, que entendiam o ato de “habitar” como algo mais amplo que apenas resolver plantas de moradia.

Geraldo Ferraz destaca em Rino Levi seu texto acerca da “estética das cidades”, que mostram suas preocupações com a necessidade de estudo dos problemas urbanos, principalmente viários, como questão fundamental da função dos arquitetos. Ilustrando com projetos de Rino como suas inquietações se mantiveram ao longo de sua carreira.

Os irmãos Roberto são tratados como “arquitetos-pesquisadores” que buscam em seus projetos a mais simples e exata das soluções que corresponda uma indicação natural da função. Criticam a atuação dos arquitetos em conjunto com a especulação imobiliária, e mostram sua preocupação em combater o sistema que hipertrofia os organismos urbanos e cria cidades caóticas.

Com os projetos de Lúcio Costa publicados, Ferraz caracteriza-o como arquiteto preocupado com a qualidade das habitações populares, que estabelece relação entre técnicas e materiais novos e vernaculares. Além de seu papel fundamental no desenvolvimento da integração entre a arquitetura e outras artes.

Burle Marx é um personagem de grande relevância na aplicação do discurso de síntese das artes e na renovação do processo paisagístico.

Ao inserir todos eles em um discurso de função social e preocupações com a qualidade do desenho dos espaços urbanos, públicos e privados. Além da preocupação de atingir uma identidade nacional, com soluções coerentes à clima, paisagem, tradições e costumes da região em que o projeto se insere, e da promoção efetiva da síntese das artes.

Ferraz admite tais arquitetos e obras como Individualidades da, então atual, história da arquitetura no Brasil, estabelecendo e publicando a sua concepção de uma produção que merece ser destacada pela qualidade, tanto do projeto em si quanto da discussão em que está inserido. Os pontos relevantes que Ferraz destaca legitimam tais arquitetos no contexto das discussões realizados pelo movimento moderno, apresentadas e aprofundadas nos CIAMs. É possível, assim, atribuir aos textos de Geraldo Ferraz a discussão da função do arquiteto como agente regularizador social, tendo papel no desenvolvimento de edifícios, cidades, espaços que assegurem ao homem condições de vida digna, saúde física e mental e vendo o homem como ser sociável que é pensando nos espaços em que se desenvolvera a vida coletiva e publica do homem como sociedade.

3. AGRADECIMENTO

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG, órgão fomentador da presente pesquisa.

4. BIBLIOGRAFIA

AMARAL, A. A. *Arte para quê?: a preocupação social da arte brasileira, 1930-1970: subsídios para uma história social da arte no Brasil*. São Paulo: Nobel, 2ed. 1978 ANDRADE, M. de. (1943). *Brazil Builds. O Estado de São Paulo*, São Paulo.

Republicado em *Depoimentos n.1*, Centro de Estudos Brasileiros, GFAU. São Paulo. *Arte em Revista*, n.4, São Paulo, Kairós, 1980.

ARTIGAS, João Batista Vilanova. (1954). Walter Gropius e a Bienal. *Arquitetura e Decoração*, nº 7, set./out., p. 4-5

BENEVOLO, L. (1976). *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Editora Perspectiva.

_____. (1954). O arquiteto, a arquitetura, a sociedade. São Paulo: *Habitat* (14): 26-7, jan.-fev.

BRUAND, Y. (1981). *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo, Perspectiva.

COSTA, Lucio. (1995). *Lúcio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo, Empresa das Artes.

FERRAZ, G. (1956). Individualidades na história da atual arquitetura no Brasil. Gregori Warchavchik. *Habitat*, São Paulo, n.28, março.

_____. (1956). Individualidades na história da atual arquitetura no Brasil. Affonso Eduardo Reidy. *Habitat*, São Paulo, n.29, abril.

_____. (1956). Individualidades na história da atual arquitetura no Brasil. III Rino Levi. *Habitat*, São Paulo, n.30, maio, p. 34-49.

_____. (1956). Individualidades na história da atual arquitetura no Brasil. MMM Roberto. *Habitat*, São Paulo, n.31, junho.

- _____. (1956). Individualidades na história da atual arquitetura no Brasil. V Lúcio Costa *Habitat*, São Paulo, n.35, out. p.28-43.
- _____. (1956). Individualidades na história da atual arquitetura no Brasil. VI Roberto Burle Marx. *Habitat*, São Paulo, n.36, nov. p.12-23.
- _____. (1965). *Warchavichik e a Introdução da Nova Arquitetura no Brasil: 1925-1940*. Prefácio de P. M. Bardi. São Paulo, Masp.
- GIEDION, Siegfried. (1941). *Space, Time and Architecture. The growth of a new tradition*. Cambridge MA: Harvard University Press; 5ªed. 1967.
- LEMOS, C.A.C. (1979). *Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos e Edusp.
- _____. (1983). Arquitetura Contemporânea. In: Zanini, W. org. *História Geral da Arte no Brasil*. São Paulo, Instituto Walter Moreire Salles.
- MINDLIN, H. (2000). *Arquitetura moderna no Brasil* ; prefácio de S. Giedion ; organizador da edição brasileira Lauro Cavalcanti ; tradução de Paulo Pedreira. 2.ed. Rio de Janeiro : Aeroplano Editora/IPHAN. Título original em inglês: *Modern architecture in Brasil*. New York : Reinhold, 1956
- REIS FILHO, Nestor Goulart.(1970). *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo, Editôra Perspectiva 214 p. illus. 21 cm.
- MARTINS, C. A. F. (1988). *Arquitetura e Estado no Brasil: Elementos para uma investigação sobre a Constituição do Discurso Modernista no Brasil; a obra de Lúcio Costa*. São Paulo. Dissertação (Mestrado) - FFLCH-USP
- MIRANDA, C. L. (1998). *A crítica nas revistas de arquitetura nos anos 50: a expressão plástica e a síntese das artes*. Dissertação (Mestrado) EESC-USP.
- BUZZAR, Miguel Antonio. *Arquitetura moderna brasileira como representação: o caso da FAUUSP*.
- CAPPELLO, Maria Beatriz Camargo. *Arquitetura em Revista: Arquitetura Moderna no Brasil e sua recepção nas revistas francesas, inglesas e italianas (1945 – 1960)*. São Paulo. Tese de Doutorado, 2005.
- CAPPELLO, Maria Beatriz Camargo. *Congresso Internacional de Crítica de Artes 1959. Difusão nas Revistas Internacionais e Nacionais Especializadas*. artigo in *Arquitetura +Arte + Cidades – Um debate internacional*. Rio de Janeiro, DOCOMOMO-BRASIL/ PROURB/ UNICAP, 2010.
- CAPPELLO, Maria Beatriz Camargo. *Revistas em revista: síntese das artes e a moderna arquitetura brasileira – “Conjunto Habitacional Pedregulho”*. Artigo in SEIXAS, Jacy; CERASOLI, Josiane (org.). *UFU ano 30: tropeçando universos (artes, humanidades, ciências)*. Uberlândia, UFU. 2008.